# olho
# úde




## A CONTRACEPÇÃO

- Quando falamos nos cuidados de contracepção na comunidade LGBTQIAPN , os maiores desafios envolvem homens trans e mulheres bissexuais.
- No caso dos homens trans, a maior fonte de desinformação envolve o tratamento com testosterona.
- O tratamento hormonal para homens trans não é o suficiente para evitar a gravidez, mesmo que não haja menstruação.
- Homens trans podem precisar de anticoncepção, a depender de com quem se relacionam. "Alguns estudos mostram que homens trans têm taxas de gravidez não planejada próximas à população cis", alerta Edson.
- O médico menciona um estudo clínico global feito com 231 adolescentes e jovens adultos transgêneros, que revelou que 40% não usavam método anticoncepcional e 54% descontinuaram seu método contraceptivo assim que pararam de menstruar.
- Existem ainda estudos iniciais que mostram que 20% das gestações em homens trans não são planejadas.
- Entre os métodos mais utilizados estavam os contraceptivos injetáveis (21%), pílula combinada (15%), pílula somente de progestagênio (15%) e DIU (6%).
- "O DIU, inclusive, é um método que tem ganhado cada vez adeptos. Por funcionar sozinho no corpo de quem o usa, ele não precisa de lembretes diários e, por isso, traz mais conforto, tranquilidade e segurança", afirma Edson.

## Palavra do especialista

**Quais são os principais desafios encontrados no cuidado com a saúde da população LGBTQIAPN**

Sem dúvidas, o principal problema é a comunicação. A interação entre quem atende essas pessoas e os indivíduos da comunidade. Existe muito receio de um lado e de outro, os pacientes já chegam em uma consulta com traumas, medo de não terem o nome social respeitado, se não serem tratados como quem são. E embora ainda exista sim muito preconceito e falta de empatia e sensibilidade por parte de alguns profissionais da saúde, há também aqueles que acabam ferindo os pacientes por acidente, por falta de hábito, por desinformação.

**E como melhorar essa situação, sanar esse problema da desinformação?**

Precisamos investir na comunicação, o tema precisa se tornar rotina, recorrente. Precisamos falar cada vez mais sobre a forma de abordar a saúde dessa parcela da população. É necessário que essa conversa seja comum e que todos os profissionais de saúde, desde quem atende o paciente no balcão até os médicos, enfermeiros e tantos outros estejam preparados. Eventos, cursos, palestras e protocolos da área de saúde são formas de preparar esses profissionais para acolher e cuidar desses pacientes como de todos os outros. Respeito é a palavra de ordem. Eu mesma, tomo todos os cuidados para respeitar esses pacientes e atender suas demandas. É possível que por hábito, um profissional use um pronome equivocado, por exemplo, e nesse momento cabe pedir desculpas, reconhecer que isso pode ferir o outro e prestar mais atenção.

**O que os pacientes da comunidade podem fazer para garantir os cuidados com a própria saúde?**

No caso do serviço público, é importante não desistir caso não se sinta confortável ou bem atendido. Não desista de receber o atendimento que merece, busque outra unidade de saúde ou vá em outro turno ou dia, com um profissional diferente. Nos casos particulares ou de convênios, pesquise os profissionais, veja as redes sociais e escolha alguém alinhado com as suas demandas e até mesmo com valores semelhantes, isso faz com que você se sinta mais confortável na consulta.

Ilza Maria Urbano Monteiro é
presidente da Comissão Especialidade
Anticoncepção da Febrasgo